

A sexualidade em *Amor & Sexo*: representação, discurso e regime de verdade¹

Samuel Anderson Rocha Barros²
Matheus Araujo dos Santos³
Jéssica Monteiro Passos⁴
Paula Cristina Janay Alves de Oliveira⁵
Marta Cunha Silva⁶
Itania Maria Mota Gomes⁷

Resumo: O presente trabalho analisa, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, que representação da sexualidade é construída pelo programa *Amor & Sexo*, da TV Globo. Utilizando como base teórica os conceitos de representação, discurso e regime de verdade de Foucault, além dos conceitos de heteronormatividade e performatividade, levantamos os discursos recorrentes sobre a sexualidade para compreender como a questão é representada no programa, e como este organiza os seus discursos para construir uma coerência e fundamentar o consenso. Como principal resultado, concluímos que a representação da sexualidade no programa *Amor & Sexo* é construída a partir da diferença essencial entre os sexos masculino e feminino, numa concepção monogâmica e heteronormativa.

Palavras-chave: representação; discurso; regime de verdade; sexualidade; *Amor & Sexo*

Abstract: This article analyzes, from the Cultural Studies perspective, which representation of sexuality is constructed by the Globo's TV program *Amor & Sexo* (*Love & Sex*). Having as theoretical basis Foucault's concepts of representation, discourse and regime of truth and also concepts of heteronormativity and gender performativity, we take the recurrent discourses about sexuality to comprehend how this

¹ A pesquisa que deu origem a este trabalho foi desenvolvida durante a disciplina Comunicação e Cultura Contemporâneas, ministrada pela professora Itania Maria Mota Gomes, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA). Os autores agradecem a contribuição da colega Virgínia Borges na decupagem dos programas e na crítica deste trabalho.

² Samuel Anderson Rocha Barros é estudante de Comunicação, habilitação em Jornalismo, da FACOM-UFBA. Email: samuel.barros77@gmail.com.

³ Matheus Araujo dos Santos é estudante de Comunicação, habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, da FACOM-UFBA. Email: matheus2099@gmail.com.

⁴ Jéssica Monteiro Passos é estudante de Comunicação, habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, da FACOM-UFBA. Email: jessicampassos@gmail.com.

⁵ Paula Cristina Janay Alves de Oliveira é estudante de Comunicação, habilitação em Jornalismo, da FACOM-UFBA. Email: paulajanay@gmail.com.

⁶ Marta Cunha Silva é estudante de Comunicação, habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, da FACOM-UFBA. Email: marta.mcs3@gmail.com.

⁷ Itania Maria Mota Gomes, Ph.D, é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas/UFBA e pesquisadora do CNPq. Atualmente, é presidente da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/COMPÓS (2009/2011). Coordena o Grupo de Pesquisa de Análise de Telejornalismo, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Email: itania@ufba.br.

question is represented in the program and how it sets its discourses to seem coherent and establish consensus. As a main result, we reckon that the representation of sexuality in the TV program *Amor & Sexo (Love & Sex)* is constructed from the essential difference between the male and female sexes, in a monogamous and heteronormative conception.

Keywords: representation; discourse; regimes of truth; sexuality; *Amor & Sexo*

Introdução

O presente trabalho analisa as representações da sexualidade no programa *Amor & Sexo*, um programa de auditório e entretenimento da Rede Globo de Televisão, apresentado pela modelo e atriz Fernanda Lima, que se propõe a debater, de maneira descontraída, temas relacionados ao sexo e amor.

O programa *Amor & Sexo* é aqui entendido como um produto midiático que produz sentido na disputa pelo discurso hegemônico acerca da sexualidade. Nessa construção do discurso hegemônico, histórica e processual, o programa reproduz e produz consenso, incorporando e interditando discursos alternativos, para manter uma formação discursiva coerente em torno de si, resultando desse processo uma representação da sexualidade construída pelo programa.

Analisamos *Amor & Sexo* segundo a perspectiva dos Estudos Culturais, corrente que pretende estudar a cultura contemporânea através de seus produtos. Os Estudos Culturais entendem os produtos midiáticos como uma prática social significativa que constrói determinados discursos inseridos em uma formação discursiva composta pelo conjunto de significados hegemônicos de sua época.

Como *corpus* usamos os dez episódios que constitui toda a primeira temporada do programa, que foi exibida no período entre 8 de agosto e 28 de novembro de 2009. Com objetivo de entender como a sexualidade é representada no programa *Amor & Sexo*, destacamos em todos os episódios as falas dos atores – a apresentadora, uma psiquiatra especialista em sexualidade, os convidados, a platéia e os entrevistados na rua – numa tentativa de identificar os discursos recorrentes, bem como as posições de fala dos sujeitos⁸. Para entender o contexto em que o programa está inserido, fizemos ainda

⁸ A noção de discurso não se restringe ao texto verbal, no artigo fizemos a opção de analisar o texto verbal por uma razão de economia e recorte. No entanto, consideramos que a questão não está esgotada, sobretudo, por se tratar de um programa televisivo.

uma análise comparativa com as principais características de outros programas da TV Globo e de outras emissoras da televisão brasileira.

Na nossa abordagem, utilizamos a noção de representação trabalhada por Hall (1997) e também os conceitos de discurso, formação discursiva e regime de verdade definidos por Foucault, além do conceito de hegemonia de Gramsci, tal como revisado por Williams (1979). Para compreender questões específicas acerca da sexualidade, recorreremos aos conceitos de heteronormatividade e performatividade desenvolvidos por Butler (2003) e a noção de *scientia sexualis* de Foucault (1979).

A escolha de *Amor & Sexo* se justifica por ser o primeiro programa da Rede Globo, a maior emissora de televisão aberta do Brasil, que assume como seu objetivo principal discutir questões relacionadas ao sexo e ao amor. Há apenas dois precedentes na TV aberta: *TV Mulher*, na própria Globo, e *Aprendendo Sobre Sexo* no SBT.

1. Precursores: Programas sobre sexo na televisão brasileira

Com relação ao sexo e à forma como o assunto é tratado no país, a sociedade brasileira de hoje pode ser considerada mais aberta e tolerante, se compararmos a duas ou três décadas atrás. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), feita em 2009 pelo IBGE, apresenta resultados que mostram que em 81,1% das escolas públicas e em 82,1% das escolas privadas os estudantes receberam orientação sobre métodos de prevenção de gravidez. Também uma pesquisa do Datafolha constatou que entre 1997 e 2009 o número de entrevistados que haviam se negado a revelar com quantos anos tiveram sua primeira relação sexual diminuiu consideravelmente, de 23% para 4%. A pesquisa mostra também o crescimento, de 15% para 41%, dos que falam sobre a duração de suas relações sexuais.

Ao contrário do que ocorria décadas atrás, quando este assunto era tabu, os dados apontam que a sexualidade torna-se, cada vez mais, um assunto presente na pauta dos brasileiros, o que é indicativo de mudança. No entanto, tal constatação não anula os aspectos residuais de uma sociedade patriarcal e ligada a valores tradicionais de família, que ainda se fazem presentes.

Pensar a cultura é também pensar os meios de comunicação, que ocupam lugar importante na configuração do imaginário e dos valores de uma sociedade. Dentre esses meios de comunicação, tomamos um programa da TV Globo, uma das emissoras mais influentes do Brasil, como objeto de estudo. Considerada a maior emissora de toda a

América Latina e a quarta maior do mundo, a Globo foi fundada em 1965, pelo jornalista Roberto Marinho e é assistida por dezenas de milhões de pessoas a cada dia.

Entre 1980 e 1986, o canal transmitiu o primeiro programa no país a tratar sobre a saúde da mulher: o *TV Mulher*, que trazia discussões acerca de temas de interesse do público feminino, e apresentava um quadro somente sobre sexo. O programa inaugural da década de 80 abriu caminho para uma televisão com diferentes discursos, menos machistas e conservadores. Protagonizou momentos marcantes na TV brasileira, como a ocasião em que “a sexóloga Martha Suplicy sofreu muitos protestos por falar, em pleno dia, sobre orgasmo feminino e por repetir a palavra vagina”⁹.

O segundo exemplo de programa na televisão aberta em que o sexo era tema foi *Aprendendo Sobre Sexo*, do SBT, que foi ao ar em 2006 e era apresentado pela psicóloga Carla Cecarello. Tinha o formato inspirado no programa americano *Falando de Sexo com Sue Johanson*, transmitido no Brasil pela GNT. O programa de Carla Cecarello usava discrição e bom humor ao fazer gestos explicativos, e tratava do assunto de maneira didática¹⁰.

Até agosto de 2009, na grade de programação da TV Globo, apenas um quadro do programa *Altas Horas* abordava a sexualidade de forma direta. A partir daí começa a primeira temporada de *Amor & Sexo*, apresentado todas as sextas-feiras, depois de *Globo Repórter*, às 23h15min, pela modelo e apresentadora, formada em jornalismo, Fernanda Lima. O programa substituiu a série *Decamerão, a Comédia do Sexo*, e foi sucedido pela segunda temporada de *Ó Paí Ó*¹¹.

Amor & Sexo é um programa de auditório e tem forte preocupação com o entretenimento. Segundo o diretor Ricardo Waddington¹², seria voltado para toda a família: “O programa será para todos, inclusive a terceira idade”, garante. Para Waddington, o fato de Fernanda Lima estar casada e com dois filhos lhe dá respaldo

⁹ Matéria veiculada no jornal O Globo (6 de agosto de 2009). Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/kogut/nostalgia/posts/2009/08/06/tv-mulher-rede-globo-211895.asp>>. Acesso em: 20 out 2009.

¹⁰ Video Aprendendo Sobre Sexo. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=qjtz-nJDpco>>. Acesso em: 20 out 2009.

¹¹ Fernanda Lima é reconhecida como uma das mais belas modelos brasileiras, é objeto de desejo e admiração do público masculino; tem um relacionamento estável com o também modelo e ator Rodrigo Hilbert, com quem tem filhos gêmeos. Fez muitos programas ligados ao público jovem e adolescente, incluindo novelas, filmes, programas de viagem, música, e o *Fica Comigo*, da MTV, em que meninas e meninas iam a procura de um relacionamento amoroso.

¹² Em entrevista cedida ao portal Globo.com. Disponível em: <<http://verdesmares.globo.com/v3/canais/noticias.asp?codigo=268312&modulo=972>>. Acesso em: 28 ago. 2009.

para apresentar a atração com responsabilidade. “Será como um bate-papo na sua sala de jantar. Ninguém vai se sentir incomodado. Nosso maior objetivo é divertir”.

2. Representação, discurso e relações de poder

Para entender as práticas de representação é fundamental analisá-las na relação com a sociedade, com a história e com o poder. Ou seja, entender como práticas de significação específicas estruturam o modo como nós vemos o mundo. Logo, representação diz respeito ao poder. O poder de representar, o poder de consumir uma representação, o poder de resistir e disputar uma determinada representação. Para acentuar esse aspecto do poder, alguns autores vão preferir falar em discurso, no sentido foucaultiano do termo, ao invés de representação, para justamente colocar ênfase nas questões de poder.

Para Hall (1997), representação é a produção de sentido através da linguagem. É considerada uma das principais práticas de produção da cultura, um dos momentos-chave do circuito da cultura, que se faz na articulação entre cinco momentos autônomos, mas determinantes: Representação, Identidade, Produção, Consumo, Regulação.

Este, efetivamente, é um conceito que tem a ver com a combinação de um conceito mental e sua materialidade. Mas o que Hall propõe é não olhar tanto para como as representações se estruturam, mas relacioná-las com a noção de discurso, como propõe Foucault. Este estava mais interessado em entender a produção de conhecimento através do discurso e as relações de poder, por isso deu mais atenção à história do que a lingüística.

Em Foucault, o conceito de discurso é empregado na tentativa de superar a distinção entre linguagem e prática, e pressupõe um ato, uma ação. Como “todas as práticas sociais implicam sentido, e o sentido conforma e influencia o que fazemos – nossa conduta – todas as práticas têm um aspecto discursivo” (HALL, 1997, p. 27).

A concepção do discurso como algo sempre construído na relação com um contexto desemboca na constatação de que os critérios para o julgamento da verdade também são contextuais. Logo, não existe verdade em absoluto ou, se existe, não está acessível aos humanos que estão invariavelmente perspectivados. Foucault afirma que existem formações discursivas que sustentam determinados regimes de verdade. Nesse sentido, os discursos constroem para si regimes de verdade – isto é, um ambiente em que se passam por naturais (não-históricos), “verdadeiros”. Muito embora, uma vez que

a história é entendida como variável, não seja possível mais falar em verdade, e sim em coerência. Assim, antes de ser verdadeira ou falsa, uma proposição deve estar “dentro do verdadeiro”.

Para Foucault, portanto, o conhecimento é sempre uma forma de poder. O que pensamos que sabemos sobre determinado tema tem relação com o poder deste discurso de impor-se como “verdade”. Com isso, não se pode falar de uma verdade absoluta a priori de uma cultura, e sim, de uma formação discursiva que sustente um determinado regime de verdade. Esta concepção é equivalente aos estudos sobre representação de Paul Rabinow, como o próprio autor afirma em seu livro *Antropologia da Razão*, no qual o autor discorre acerca dos “estilos de raciocínio que criam a possibilidade de verdade e falsidade” (RABINOW, 1999, p. 81)

Para entender as relações de poder que conformam os discursos e que constitui uma formação discursiva, os Estudos Culturais recorreram ao conceito de hegemonia de Gramsci. Este traz contribuições singulares por entender o conceito de “hegemonia” como distinto do de “domínio” (coerção através da força física, da violência), sendo a hegemonia uma dominação através de forças culturais e sociais ativas que formam um consenso em torno de um determinado fenômeno.

Gramsci define a cultura como uma totalidade complexa, e partindo desse pressuposto, a hegemonia é ao mesmo tempo um processo material e simbólico, e se relaciona com o mundo vivido, porque é na vida cotidiana que os homens a produzem e reproduzem na cultura. A hegemonia deve ser sempre conquistada através da disputa de poder num campo de forças sociais, no qual os meios de comunicação são práticas de significação e participantes dessa disputa.

Para tratar de questões mais específicas do nosso objeto de estudo, utilizamos o conceito de performatividade de gênero, que, de acordo com Judith Butler (2003), é entendida como um conjunto de normas, que precisam sempre ser repetidas e reiteradas de modo a tornar essencial o gênero e entendê-lo a partir do binarismo masculino/feminino, funcionando a partir de uma norma heterossexual – a heteronormatividade, que é o “enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo” (PINO, 2007, p. 160).

Amor & Sexo, produto midiático aqui em análise, é compreendido como uma prática de produção de sentido na disputa pelo discurso hegemônico acerca da

sexualidade. A construção de um discurso hegemônico é sempre um processo histórico, e levando isso em conta, analisamos o contexto em que o programa está inserido, como ele reproduz e produz consenso sobre a sexualidade, e como nesse processo ele interdita e incorpora discursos alternativos.

Apontamos quais os discursos o programa destaca e quais os que ele silencia, para manter sua formação discursiva coerente e para construir ou reproduzir um regime de verdade. Assim, analisamos a tensão entre o discurso hegemônico e o contra-hegemônico sobre a sexualidade dentro do programa, e como o primeiro incorpora elementos do último, para manter o consenso em torno de si, para, por fim, definir que sexualidade é representada pelo programa.

3. Monogamia e heterossexualidade em *Amor & Sexo*

A análise das falas verbais das 10 edições da primeira temporada de *Amor & Sexo* nos mostra que são hegemônicos os discursos que constroem a sexualidade a partir dos termos monogamia e heterossexualidade. Como exemplo, vejamos os três principais quadros do programa - *Caindo na Pista*, *Dicas da Semana* e *Strip Quiz* - e os discursos recorrentes nestes.

No quadro *Caindo na Pista*, a apresentadora Fernanda Lima sai às ruas, em busca de uma mulher “sozinha”, condição apresentada pelo programa como não desejável. Uma vez que uma mulher solteira aceita o convite de Fernanda Lima para participar do quadro, ambas saem em busca de um homem “perfeito” aos olhos. Quando a mulher aponta para o homem que lhe apraz, Fernanda Lima, literalmente, corre atrás com a missão de apresentar a sua “colega” e arquitetar um encontro romântico, que será televisionado no programa seguinte. O objetivo declarado e confirmado através da análise é unir mulher e homem numa relação estável.

Nas *Dicas da Semana*, predominantemente, casais heterossexuais e casados falam, em tom de conselho, de suas experiências e estratégias para manter um relacionamento. Este quadro é feito com vídeos enviados pelo público, mas que consideramos que também representa o discurso do programa, porque os vídeos são selecionados, editados e ranqueados em bronze, prata e ouro, pela equipe de produção. Neste quadro, mais do que em outros, a monogamia é incentivada através do elogio constante à instituição social que, historicamente, a promove: o casamento.



IMAGEM 01: A apresentadora Fernanda Lima faz pergunta para a convidada, a atriz Juliana Alves, na sétima edição do programa, durante o *Strip Quiz*, no qual a imagem que representa o convidado/a perde uma peça de roupa, se não tiver a aprovação da platéia.

No principal quadro do programa, a julgar pelo tamanho proporcional em relação aos outros quadros e pelas produções que giram em torno dele, o *Strip Quiz*, os convidados em par, formado por um homem e uma mulher, sempre com performance heterossexual, devem opinar sobre afirmações baseadas em generalizações acerca do seu respectivo sexo. Como exemplo, temos as seguintes perguntas feitas para a atriz Mariza Orth, na terceira edição do programa: “Toda mulher espera que o homem ligue no dia seguinte. Verdade ou mentira?”. Ou, ainda, a pergunta feita para a humorista Maria Paula, na quinta edição: “Não existe mulher difícil, existe mulher mal cantada. Verdade ou mentira?”.

Como fica evidenciada nas perguntas do *Strip Quiz*, a representação da sexualidade no programa é, predominantemente, marcada pelo binarismo essencial entre o macho e a fêmea. As diferenças entre eles são postas de maneira naturalizada, em última instância, de origem biológica. No jogo do binarismo, as mulheres são tratadas como naturalmente mais “complexas”, “emotivas”, “sentimentais”. Enquanto entende-se que os homens guiam sua prática sexual pelo instinto, tais como animais.

Além disso, ao fazer as perguntas do *Strip Quiz* em termos de verdade ou mentira, o programa pressupõe uma verdade absoluta. Algumas falas dos convidados,

no entanto, problematizam as afirmações totalizantes, trazendo pontos de vista diversos ou indicando que não há consenso, através de asserções do tipo: “em meu ponto de vista” ou “segundo minha experiência”. Outra exceção é uma fala da Dra. Carmita Abdo, na terceira edição do programa, quando Fernanda Lima pede a opinião dela, após o convidado, o ator Murilo Benício, dizer que o sexo começa após as preliminares. A Dra Carmita, então, questiona o termo “preliminares” para nomear as práticas que vêm antes da penetração: “Para os homens sexo é penetração. Começa, aliás, a partir do momento em que ele penetra. Antes, é só preliminares, como o próprio nome diz. E quem deve ter dado este nome deve ter sido algum homem”.



IMAGEM 02: Dra. Carmita Abdo, psiquiatra, especialista em sexualidade, sentada entre a platéia, como de costume, na oitava edição do programa.

Esta fala da doutora é a primeira em que se evidencia a preocupação em demonstrar o caráter histórico (logo, não natural) dos discursos sobre o sexo. Antes, na segunda edição, ela disse que “Os homens, em geral, acham que eles só traem quando estão envolvidos afetivamente com a mulher com quem eles fazem sexo. Caso contrário é apenas uma aventura, uma relação sem maiores conseqüências que eles dizem, diferente das mulheres, que quando saem com um parceiro que não o seu habitual geralmente já estão envolvidas”. Por mais que a doutora Carmita não endosse decididamente a narrativa que faz da conduta de homens e mulheres, também não fala

de outras possibilidades ou que esta conduta é uma prática cultural e não natural, mas naturalizada.

Nesta ocasião, uma tentativa de ponderação foi feita pelo ator convidado, André Marques, mas que não consegue extrapolar as idéias de determinação biológica: “Isso é meio machismo, dizer que a mulher só trai quando gosta de outro cara ou cansou da relação. Eu tenho amiga mulher e amiga bem pra frente. Eu tenho amiga casada, com namorado, que trai igual homem, ou igual dizem que nós traímos. [...] Acho que por natureza o homem é 90% pior, em termos de relação. Acho que o homem não vale quase que nada mesmo. A mulher é um ser humano bem mais puro. Mas tem umas que, vou te falar, é homem duas vezes”.

Apesar de uma opção clara por uma abordagem da sexualidade a partir de sua forma heterossexual, as diferenças entre as várias possibilidades de ser heterossexual não são abordadas. As possibilidades de ser do heterossexual são limitadas por normas de aparência e de comportamento. Há uma prescrição do que é ser homem e do que é ser mulher, como exemplifica a fala da apresentadora Fernanda Lima, na sexta edição do programa: “Homem não precisa tirar sobrelha, não”. Ou, ainda, na segunda edição quando Fernanda Lima pergunta para a convidada Giovana Antonelli: “Dizem que a felicidade do homem está na cama e na mesa. E a felicidade da mulher?”. E Giovanna responde: “Acho que está no dia-a-dia, no compartilhar, no companheirismo, na troca, na gentileza. Acho que a mulher gosta de reunir mais quesitos e acho que o homem tem uma coisa mais prática. E eu acho que a mulher é um conjunto de coisas que vai fazer aquela relação, aquele homem ser incrível”.

Enfim, como demonstrado nos exemplos acima, nas falas de convidados que tentam fugir do absolutismo, nas falas da apresentadora, ou mesmo nas falas da Dra. Carmita, o discurso predominante continua reforçando a ideia de que todos os homens tem um *modus operandi* e todas as mulheres outro, de que as diferenças entre homens e mulheres estão baseadas em uma essência da origem, de que os homens vieram de Marte (são guerreiros) e as mulheres de Vênus (são para o amor).

Para entender como os discursos operam dentro do programa, usamos a noção de interdição dos discursos, que segundo Foucault não é simplesmente a proibição do que se pode dizer, mas a determinação de como se pode dizer e, principalmente, quem pode dizer e quando. Em *Amor & Sexo*, o lugar de fala de cada sujeito ou a influência na construção da verdade é desproporcional, uma vez que as cotas de poder não são distribuídas de modo igual, nem todos estão autorizados a falar de certos modos.

No programa, apenas a apresentadora Fernanda Lima, a psiquiatra Carmita Abdo e o músico Léo Jaime têm um microfone, símbolo e possibilidade material de fala. Léo Jaime participa de forma rápida e pontual através de frases de efeito, sempre com alta carga de humor, nunca contrariando as afirmações da apresentadora ou da doutora. A apresentadora, na condição de mediadora do programa, distribui doses diferentes de fala entre a platéia e os convidados, com predominância destes em detrimento daqueles.

A psiquiatra, por sua vez, é apresentada no primeiro programa por Fernanda Lima do seguinte modo: “Para não nos deixar falar bobagem, temos aqui a nossa querida Carmita Abdo, especialista, doutora, especialista em sexualidade. Ela vai esclarecer qualquer dúvida; é uma das maiores especialistas em sexo do Brasil: uma autoridade no assunto”.

A doutora Camita invoca a autoridade da ciência para fixar a verdade, a exemplo do que disse na sexta edição: “é mais comum o homem ter a fantasia de transar com duas mulheres. A mulher, até por conta da parte cultural, mas também pela própria biologia dela, gosta mesmo é de ter o seu parceiro inteiro para ela e ela inteira para ele, na maior parte das vezes”. A doutora desenvolve um argumento que naturaliza, com base na biologia, o desejo de monogamia da mulher. Nestas questões em que existem dúvidas, percebemos que a fala da doutora, porta-voz da ciência, estabelece a verdade. Em outras palavras, o regime de verdade, fruto da disputa entre os discursos ali presentes, claramente é orientado pelo discurso científico, com enfoque psiquiátrico.

Os discursos sobre a monogamia e heterossexualidade, portanto, são hegemônicos, visto o lugar de poder que ocupam. Mas é sempre um processo de resistência e cooptação, é sempre um terreno de disputa. O programa ouve opiniões discordantes, no auditório e na rua, ao tempo que trata de questões dos não-héteros, mas a lógica heteronormativa continua em validade. Como veremos a seguir, os atores homossexuais apareceram tanto enquadrados como “problemas”, quanto de outros modos, mas sempre são representados como o *outro*.

4. O Outro – a representação dos não-heterossexuais em *Amor & Sexo*

O programa *Amor & Sexo* não pode ignorar sexualidades que não a heterossexual. Principalmente, para que, a partir do que não é, a heterossexualidade

possa definir-se como tal. Analisaremos como se dá a inserção do tema no programa, como ele é abordado e como são representados os não-heterossexuais.

A homossexualidade é discutida logo no primeiro programa, exibido no dia 28 de agosto de 2009, quando, num quadro no qual Fernanda Lima recebe ligações de telespectadores com algum problema ou dúvida, é atendido um rapaz que deseja saber se o fato de gostar de carícias nas nádegas revelaria uma tendência bi ou homossexual de sua parte:

Renato: Fernanda, é o seguinte, quando eu tinha 16, 17 anos, eu tinha uma namorada que fazia, é... Carícias nas minhas nádegas e eu percebi que eu gostava disso e até hoje eu gosto disso, isso me excita. Então, a minha dúvida é: eu tenho uma tendência homossexual ou bissexual?

Fernanda Lima: Renato, tu sente atração por homens, ou por imagens de homens?

R: Não, não, nem um pouco, nem um pouco, *(ele ri parecendo estar nervoso)* só por meninas, só mulheres!

F: Só por mulheres?

R: Isso.

F: Não, porque assim, numa boa, Renato, eu acho que tu não é gay, não. Porque até onde eu sei, ser homossexual é sentir atração por uma pessoa do mesmo sexo: homem por homem, mulher por mulher.

No segundo programa, exibido em 04 de setembro de 2009, através do mesmo quadro, um pai pede conselhos em relação à homossexualidade do filho, a fim de descobrir se foi culpa da sua criação e se existe alguma forma de reverter a situação. Em ambos os casos os telespectadores recebem conselhos da Dr. Carmita Abdo, que, a partir do posicionamento psiquiátrico afirma, dentre outras coisas, que a homossexualidade é genética e que 10% da população herda esse “gen homossexual”.

Fernanda Lima: Olha gente, eu queria dizer que a gente brinca com alguns assuntos aqui no programa por que brincar também é um jeito de falar dos problemas, e a verdade é que falando e ouvindo todo mundo se entende. É por isso que com a ajuda da Dr. Carmita eu vou ta sempre tentando dar um pouco de informação pra quem liga dividindo um problema aqui com a gente ou com alguma dúvida. Hoje eu vou conversar com o Seu Fernando. Alô Seu Fernando!

Seu Fernando: Alô?

Fernanda Lima: Alô, tudo bem?

Seu Fernando: Tudo bem, uma boa noite a todos.

Fernanda Lima: Boa noite, como é que eu posso te ajudar?

Seu Fernando: Olha, há cerca de cinco anos atrás eu tomei conhecimento da homossexualidade do meu filho, então de lá pra cá eu tenho uma dúvida muito constante comigo, com referência de ter sido questão de criação. Por eu ser um pai rigoroso, um pai ainda assim, muito formal, atendendo as necessidades de família e tudo

mais... E se isso teria levado a ele optar por essa sexualidade... homossexualidade. E se haveria através de um tratamento, uma terapia, alguma coisa assim, que se conseguisse reverter esse quadro...

Fernanda Lima: Dr. Carmita, o quê que cê acha?

Dr. Carmita: Então, a homossexualidade não é uma doença, não é um defeito: é uma característica. E cada vez mais se pensa, se investiga, no sentido de que ela seja uma herança, portanto transmitida geneticamente. Logicamente que o ambiente, a educação também influenciam, mas a tendência hoje é pensar que existe um componente genético sim. E assim como alguns herdam a possibilidade de serem heterossexuais, uma minoria, de 10% da população, herda essa possibilidade de ser homossexual. Não há o que se preocupar, não há o que reverter.

As primeiras duas inserções do tema no programa se mostram interessantes para pensarmos como a “verdade” sobre o sexo vem sendo construída no Ocidente, principalmente a partir do século XIX. Segundo Foucault (1979) a produção de conhecimento sobre o sexo nesse contexto se dá, em maior parte, através do que por ele é chamado de *scientia sexualis*, que funcionaria, principalmente, através da união da clínica à confissão. O sexo, segundo Foucault, seria tido como portador de inúmeros perigos à sociedade e, portanto, precisaria ser gerido. Sua obscuridade o faria escapar do sujeito, necessitando esse de um interrogador que pudesse interpretá-lo e extrair, desse modo, sua verdade. Os efeitos dessa confissão seriam, finalmente, medicalizados. O sexo, a partir de então, deixa a esfera do que é ou não pecado, passando para a esfera do normal e do patológico: uma verdadeira racionalização científica do sexo.

Ao ser questionada sobre a origem ou causa da homossexualidade, a Dr. Carmita Abdo não hesita em associá-la a fatores genéticos, embora admita, paradoxalmente, a influência de fatores situacionais e educacionais na construção da sexualidade. A psiquiatra recorre a um positivismo científico que reduz os aspectos sociais e culturais da sexualidade a presença ou não de um dito gen homossexual, essencializando a sexualidade e diluindo toda sua construção histórica. Ao dividir os seres humanos em hetero e homossexuais, Dr. Carmita ignora outras formas de expressões sexuais, reforçando a superioridade, tanto em relações de poder, como em números, da heterossexualidade em detrimento da homossexualidade. Não se busca identificar um gen heterossexual, pois tal comportamento é entendido como natural. O que interessa é aquele que é desviante da norma, de modo que a existência de gens heterossexuais nunca é posta em questão.

A homossexualidade é abordada nos programas seguintes através de outros quadros, como no *Strip Quiz*, quando Fernanda Lima pergunta ao convidado Edson

Celulari, na décima edição do programa, exibido no dia 06 de novembro de 2009, se heterossexuais sabem receber cantada de gays:

Fernanda Lima: Homem hetero não sabe o que fazer quando leva cantada de gay. Verdade ou mentira?

Edson Celulari: Eu acho que sabe, ou... ou deveria saber, né? Deveria saber. É... depende da cantada também, né? Porque tem aquele gay que é assim... mais agressivo, mais explícito e tem aquele que dá uma olhada, dá uma piscadela, dá uma sondada no terreno, tal... vê se tem chance, uma ciscada. Mas se o homem não sabe, deveria saber.

F.: Ensina, explica pra gente!

E.: Eu acho que hoje em dia, você pode comparar com a cantada da mulher. Antigamente eu acho que era mais difícil você ver uma mulher cantando o homem, hoje em dia tem mulher cantando de uma maneira tão feia também, piscando o olho errado, propondo, fazendo gestos, tentando marcar... O bacana disso tudo é a sutileza, independente ou não de você topar a parada. No caso homossexual, pro hetero, depende, o cara pode ter amigos gays e ter um relacionamento tranqüilo e ótimo, vai saber, com bom humor, dizer um não. E tem aquele que “não olha de novo que eu te bato”, tem esse tipo. Eu acho que devia ter uma escola pra isso, pra aqueles que são cantados e pra aqueles que cantam.

F.: Gostei... da sutileza, né? Porque também tem muito homofóbico por aí que acaba resolvendo as coisas de um jeito muito feio. Eu acho que não é por aí, porque se o cara ta sendo paquerado, desejado é porque ele deve ser atraente, né? E todas as pessoas estão suscetíveis a serem paqueradas, enfim, se não quiser, não quer, paciência. Gostei dessa sutileza.

Ou então quando, ao abordar o tema fetiche, no mesmo programa, a apresentadora visita o corpo de bombeiros e pergunta se eles recebem muitas cantadas de gays, extraíndo risos e histórias sobre o assunto:

Fernanda Lima: Vem cá, e os gays, também... Chamam a atenção, assim... querem ser salvos por vocês?

Bombeiro: Assediam a gente até de carro aqui...

Fernanda Lima: É mesmo....?

Bombeiro: Passando de carro, aqui... quase batem de ficar olhando...

Até o sexto programa é dessa forma que a homossexualidade é tratada em Amor & Sexo, sempre através de uma perspectiva heterossexual. Sujeitos não-heterossexuais não aparecem no programa, deixando clara a hegemonia heterossexual reforçada por ele.

No sétimo programa, então, eis que o homossexual é representado imagetivamente. Trata-se de uma participação no quadro *Dicas da Semana*, no qual

casais dão dicas de como manter um relacionamento estável. Cabe-nos então analisar como nos é apresentado o homossexual, quem foi escolhido para representá-lo, ou melhor, quem pode representá-lo em *Amor & Sexo*.

O homossexual é inserido num quadro que, até então, fora ocupado estritamente por casais heterossexuais. Não há qualquer apresentação prévia de Fernanda Lima: um casal formado por dois homens aparece no telão situado no fundo do palco e um deles dá início a um texto que versa sobre trivialidades da vida monogâmica.

Ruben: Então, a gente tem quatro anos de relacionamento e nós aprendemos a não invadir o espaço do outro. Então, é... Assim, olhar caixa de e-mail, correspondência, canhoto de cheque, do que ele ta gastando. Isso... Acho que tem uma privacidade, a gente aprendeu um a controlar o outro, mas dentro de uma privacidade.



IMAGEM 03: No sétimo programa, exibido em 17 de outubro de 2009, o casal, Ruben e Thomas, protagoniza a primeira aparição de gays em *Amor & Sexo* participando do quadro *Dicas da Semana*.

Como em todos os outros *Dicas da Semana*, uma tarja que indica o tempo de relacionamento do casal nos revela que estão juntos há quatro anos. No oitavo programa é a vez de um casal de lésbicas serem apresentadas ao público através do mesmo quadro.

Tatiana: A minha dica é escrever pra passar a raiva. Porque muitas vezes, quando o casal está brigando, muitas vezes a raiva ali do momento, a gente acaba falando coisas que não deve, ofendendo o outro, o que não é nada legal. Então quando eu escrevo consigo passar de forma mais clara, mais amena pra ela o que ta acontecendo, o que eu to sentindo, o que eu to pensando, e funciona bastante.



IMAGEM 04: No oitavo programa, exibido no dia 23 de outubro de 2009, é a vez do casal lésbico, Renata e Tatiana, participar do quadro *Dicas da Semana* dando conselhos de como manter um bom relacionamento.

Para entendermos melhor a representação do não-hetero no programa, utilizaremos aqui a teoria da performatividade, defendida por Judith Butler e outros teóricos ditos pós-feministas. De acordo com Butler (2003) as marcas de gênero são essencializadas a partir da sua repetição e reiteração. O modo como homens sentam, falam ou agem são assim apresentados como naturalmente diferente do modo como as mulheres o fazem.

Sabemos da existência de sujeitos cuja performatividade não segue o que a norma heterossexual espera do seu gênero, como é o caso de gays afetados, das lésbicas masculinizadas, de homo ou heterossexuais que não seguem tal norma performativa de modo rigoroso, transitando entre suas performances. No entanto, os gays e lésbicas

apresentados no programa seguem a performatividade que se espera do seu gênero: os homens não são afetados, as mulheres são dóceis e têm falas macias, ambos se vestem e se comportam como é esperado pela sociedade, como homens e mulheres.

O casal formado por Ruben e Thomas (homens), veste roupas em tons neutros, enquanto Renata e Tatiana (mulheres) usam roupas mais coloridas, em tons quentes. A forma como aparecem deitados também nos sugere a reiteração de determinadas normas de gênero. Renata e Tatiana podem estar mais próximas, demonstrar mais carinho, como é aceito que ocorra entre mulheres heterossexuais. Já entre os homens tal proximidade não é vista com bons olhos, e o casal gay, como apresentado no programa, respeita essa norma deitados, cada qual, no seu lado da cama, sem muito contato.

Ao explicitar as formas retóricas do mito burguês, Roland Barthes fala de como se dá o processo de identificação do Outro e diz que

o pequeno-burguês é um homem incapaz de imaginar o Outro. Se o outro se apresenta perante o seu olhar, o pequeno-burguês tapa os olhos, ignorado-o e negando-o, ou então transforma em si mesmo. No universo pequeno-burguês, todos os fatos de confrontação são fatos de reverberação: o outro, seja qual for, é reduzido ao mesmo. Os espetáculos, os tribunais, locais onde pode acontecer a exposição do outro, transforma-se em espelhos. É porque o outro constitui um escândalo, um atentado à essência. (BARTHES, 1993, p. 243)

Por entendermos produtos culturais, a exemplo do programa *Amor & Sexo*, como locais onde se dá a representação de sujeitos, parece-nos que, ao reduzir os não-heterossexuais ao comportamento heterossexual, a representação do outro no programa faz exatamente o que sugere Barthes: transforma-os em espelho, calando assim o escândalo.

Tal representação reforça uma norma heterossexual (heteronormatividade), que presume uma coerência linear entre sexo – gênero – sexualidade – práticas sexuais, de forma que qualquer alteração nessa linearidade torne o sujeito ininteligível, abjeto à norma e, por isso, estigmatizado socialmente. De acordo com Butler (2003), é exatamente a manutenção dessa norma, que entendemos ser defendida e reiterada em *Amor & Sexo*, o motor propulsor da homofobia (BUTLER, 2003).

Conclusões

A produção de conhecimento e verdades sobre sexo, em *Amor & Sexo* ocorre através da construção do programa, dos atores envolvidos e da interpretação que os telespectadores fazem dele. No modo de construção, porém, podemos concluir que a tentativa de controle e gerenciamento do que é a verdade ocorre através das falas da psiquiatra a partir de um discurso positivista e científico e da *scientia sexualis*.

Segundo Foucault o processo de produção de conhecimento sobre o sexo, principalmente a partir do século XIX, se dá através da *scientia sexualis*, que funciona através da clínica e da confissão. O sexo, assunto portador de potenciais perigos à sociedade, precisa ser gerido, por um sujeito, em *Amor & Sexo* representado pela Dra Camila Abdo, capaz de interpretá-lo e extrair, desse modo, a verdade. O que pode ser dito, o que não pode, e por quem é permitido dizê-lo, constrói o regime de verdade do programa.

A partir da análise, podemos concluir que a representação da sexualidade no programa *Amor & Sexo* é construída a partir da diferença essencial entre os sexos masculino e feminino. O programa se baseia em generalizações sobre essas diferenças essenciais e propõe uma discussão que tem como base a relativização dessas generalizações, mas que, mesmo assim, reiteram características que seriam próprias desse binarismo. O programa reproduz um discurso hegemônico acerca da sexualidade, e nesse processo negocia com alguns discursos alternativos no intuito de manter-se hegemônico. O discurso recorrente é sempre sobre a heterossexualidade e a monogomia, mas os assuntos que fogem desse tema, como a homossexualidade, a traição, sexo a três, dentre outros, não podem deixar de ser tematizados, são introduzidos de forma negociada. A representação da sexualidade é construída numa concepção heteronormativa. Não são apresentados no programa sujeitos cuja performatividade fuja dos padrões heteronormativos.

Por fim, entendendo representação, produção de sentido e textualidade como questões de vida e morte (Hall, 2003), concluímos que a representação dos homossexuais no programa é feita sob uma perspectiva heteronormativa, que estigmatiza quaisquer variantes das formas monogâmicas e heterossexuais. Essa estigmatização, segundo Butler, seria a propulsora da homofobia, e participa de processos mais amplos de controle e gerenciamento da verdade sobre a sexualidade como um todo.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Mitologias** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HALL, Stuart. Representation, meaning and language. In: _____. **Representation: cultural representation and signifying practices**. London: Sage, 1997. p. 15-71

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações sociais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003, p.199-218.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. 2009. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/default.shtm>

PINO, Nádía Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis em corpos desfeitos**. Cadernos Pagu, janeiro-junho de 2007, pp.149-174.

RABINOW, Paul. Representações são fatos sociais: modernidade e pós – modernidade na antropologia. In: **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 71-108.

SCHWARTSMAN, Hélio (21 fev. 2010). **Brasileiros soltam a língua**. Folha de São Paulo [online], Disponível em:
www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2102201005.htm

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.